

A CRIAÇÃO DE CENAS ATRAVÉS DA FORMA E A EMERGÊNCIA DE CONTEÚDOS

Leonídia Alfredo Guimarães
Psicóloga Clínica CRP 03 / 356
Psicodramatista-ASBAP

Este escrito, A Criação de Cenas através da Forma e a Emergência de Conteúdos, nasceu de duas principais vertentes : 1) da dificuldade inicial que senti ao começar a trabalhar com o Psicodrama , dentro do enquadre técnico-formal proposto por Rojas-Bermúdez, o que me levou à pesquisa teórica sobre o tema Forma e Conteúdo em Psicodrama, da sua autoria; 2) por ter achado interessante trabalhar com este enquadre, verificar os seus efeitos e expor a minha experiência pessoal desse aprendizado, o que acredito, possa servir de contribuição para aqueles que estão começando ou que desejem repensar a sua prática.

Para melhor compreender o método psicodramático de Bermúdez, é importante, acredito, destacar as principais diferenças entre o seu enquadre e o de Moreno, muito embora saiba-se que Bermúdez conservou quase inteiramente o método moreniano, acrescentando apenas algumas transformações de estilo e técnica, a exemplo da consideração dos três Contextos - Social, Grupal e Dramático, na sessão de Psicodrama; da construção do Cenário retangular com duas cadeiras ao centro, em posição de encontro; e da introdução da Técnica de Construção de Imagens durante a etapa de dramatização, como procedimento técnico de aquecimento ou desaquecimento, utilizado no Contexto Dramático.

Sabe-se que, em relação à consideração aos três contextos não existem grandes divergências. Bermúdez cita, inclusive, que alguns autores atribuem-nos ao próprio Moreno, dado à sua adequabilidade teórica. Considera, entretanto, que as diferenças entre o seu enquadre, chamado de enquadre técnico-formal, e o modelo moreniano, referem-se ao tipo de procedimento e direcionamento do trabalho terapêutico.

Creio portanto que é a inclusão do método de Construção de Imagens durante a etapa de Dramatização que marca a principal diferença entre os dois modelos, no plano formal, isto é, de estilo técnico. Uma outra particularidade do enquadre técnico de Bermúdez, refere-se à formulação de uma hipótese terapêutica, antes da dramatização, como sistemática de trabalho utilizada para a direção e o desenvolvimento da dramatização.

Quanto ao direcionamento técnico da sessão, sabemos que Moreno coloca como núcleo central básico, o desempenho de papéis e o valor terapêutico da vivência, visando com isso alcançar o *insight* e a Catarse de Integração, através do teatro terapêutico espontâneo engendrado no Cenário. Rojas- Bermúdez preocupou-se, a partir da sua prática psicoterapêutica, em buscar novas técnicas além da dramatização, valorizando um tipo de

produção diferente, onde se destaca o trabalho com a Forma, a Imagem e seus conteúdos. Visa com isso “alcançar mudanças mais duráveis em seus pacientes , usando as suas capacidades compreensivo-intelectuais”. Com isso, no meu entender, formaliza e atribui um sentido novo à etapa de dramatização.

Em “Avances en Sicodrama” (1988), Bermúdez aborda claramente sobre os motivos que o nortearam à criação de novas técnicas, provocando a sua mudança de Direção em Psicodrama, justificando que observou no decorrer da sua prática, que apenas a vivência da dramatização não se mostrou suficiente para produzir mudanças substanciais no Protagonista , ajudando –lhes a alcançar a Catarse de Integração.

Resumidamente, são essas as principais diferenças que pude detectar em relação aos dois enquadres, estilos e propostas psicodramáticas. Falarei um pouco agora, da minha própria experiência como psicodramatista iniciante, interessada em aperfeiçoar-me na utilização da Técnica de Construção de Imagens, acoplando-a ao método psicodramático. Devo dizer inclusive que passei a considerar a técnica de Construção de Imagens como um veículo de construção de cenas por onde passeiam muitos conteúdos. Vem daí o título deste trabalho “A Construção de Cenas através da Forma e a Emergência de Conteúdos”.

Confesso também que, ao começar o meu estágio como psicodramatista (ASBAP,1993) , não utilizava o procedimento proposto por Bermúdez em sua íntegra. A dificuldade vinha de uma tendência mais arraigada no trabalho verbal e no hábito de ouvir e investigar verbalmente o material trazido para a sessão, até que pudesse conceber, a partir desse ouvir, alguma hipótese de direcionamento para a produção de cenas. Isto fazia com que demorássemos muito na etapa de Aquecimento, trazendo problemas para o desenvolvimento do enquadre de trabalho proposto. Na medida em que fui me familiarizando com a metodologia proposta por Bermúdez, verifiquei que aquecer o Protagonista para a produção de uma Imagem era realmente mais favorável à obtenção de conteúdos e a um melhor desenvolvimento da sessão psicodramática. Na maioria das vezes, criava-se a partir daí uma cena a ser trabalhada, independente da dramatização propriamente dita, favorecendo também a construção de hipóteses terapêuticas, o envolvimento do grupo e aquecimento do Protagonista. Esse relaxamento de campo pareceu-me essencial, compensando de alguma forma o trabalho de aquecer o Protagonista para o produção de uma Imagem, uma vez que esse tipo de linguagem (falar através de uma forma ou alegoria) não é muito familiar em nossa cultura (embora falemos, é claro!).

Enfim, a utilização sistemática desse método de trabalho, me permitiu visualizar cenas , ao invés de ouvi-las e repeti-las no Cenário , o que acredito que seja bom também para o paciente, que a constrói e vivencia, fazendo-o também voltar o seu olhar para si mesmo . O método permite a evolução ou não das formas criadas para uma dramatização, desenvolvendo-se de maneira fluida e enriquecendo o desempenho de papéis, além de pontuar as intervenções necessárias de forma conjunta. Segundo Bermúdez, a Imagem traz o aspecto básico conflitante, registrado e identificado na Imagem, o qual é assumido pelo Protagonista. Este fato possibilita-nos o prosseguimento do trabalho, muitas vezes sem passar pela produção normal de cenas onde são desempenhados determinados papéis - método convencional, uma vez que a própria Imagem pode ser capaz de possibilitar o

insight e a catarse de integração objetivada. Quando isso acontece, a Imagem fala por si mesma, a compreensão é imediata e fortemente sentida pelo paciente como a sua verdade.

Segundo Bermúdez, facilita-se tal compreensão fazendo-se uma leitura das formas em cena, com o envolvimento do Protagonista, ou seja, passa-se a “investigar as relações existentes entre as diversas partes da Imagem, a destacar os seus elementos expressivos e verificar as inter-relações existentes entre cada parte e contra-parte” . Através dessa metodologia o Protagonista normalmente chega à auto-compreensão e auto-avaliação.

Dentro da minha experiência com a técnica, houve ocasiões onde tornou-se desnecessário inclusive, passar o Protagonista para a Imagem e pedir-lhe o Solilóquio. Ao fazê-lo tomar distância da Imagem e visualizá-la, obtinha-se o insight da situação, tornando-se desnecessário o prosseguimento técnico-metodológico. Nessas ocasiões a qualidade expressiva da Imagem era muito boa.

Pude observar também que, os pacientes do grupo trabalhado (ASBAP, 1993-94), cuja *fórmula estrutural* não apresentava problemas relativos às áreas *Corpo e Mente* , geralmente conseguiam com mais facilidade uma compreensão significativa da situação logo após o processo de construção da Imagem ou, no momento seguinte, ao assumir o lugar de cada parte e contra-parte para realizar o Solilóquio, ou seja, ao assumir e” inverter papéis”. Ao contrário, os pacientes que possuíam muitas dificuldades nessas áreas (Corpo e Mente) , mostravam-se menos produtivos ao realizar o trabalho com Imagens, fazendo-nos passar à etapa de dramatização propriamente dita ainda em busca de novas pistas ou de um canal de acesso que lhes fosse mais favorável.

Até o momento, são apenas dois anos de prática sistemática com a técnica de Construção de Imagens, aliada à dramatização, trabalhando num contexto institucional, com o Psicodrama Grupal, mas acredito que algumas observações preliminares, como a do parágrafo acima e as seguintes, me sejam permitidas. A forma instantânea de compreensão dos fatos atuais ou passados, a perspectiva do trabalho incluindo corpo-palavra-ação, a junção fantasia-realidade-criação, bem como a clara delimitação entre espaço-forma-conteúdo, são alguns dos aspectos que me fizeram passar de “simpatizante” a praticante do método utilizado por Bermúdez.

A utilização desse método nem sempre é uma tarefa fácil. Requer muito tempo de prática, determinação e paciência por parte do terapeuta. Principalmente quando estamos trabalhando com pessoas muito bloqueadas nos seus afetos, sem forças expressivas e com dificuldades de simbolização. Acredito que essas pessoas usem preferencialmente canais de comunicação mais verbais e auditivos, adaptando-se melhor à métodos que utilizem mais a linguagem verbal no receber, comunicar e decodificar mensagens, o que dificulta bastante a nossa tarefa de produção a partir de Imagens. Percebi, no entanto, que mesmo para essas pessoas, o exercício continuado de produzir Imagens, pode servir de estímulo ao desenvolvimento dos seus canais cenestésico e visual, permitindo-lhe de alguma forma ampliar o seu contato com o seu mundo interno de sensações e fantasias , ajudando-as a melhorar a qualidade dramática das suas Imagens e liberando o seu potencial criativo, seu mundo de sentimentos e movimentos expressivos.

Os pacientes com boa capacidade de abstração e expressão corporal adequaram-se espontaneamente à técnica utilizada, favorecendo a evolução do seu processo terapêutico em espaços de tempo muito curto, a exemplo de uma paciente que passarei a citar : Numa sessão de Psicodrama Grupal, uma paciente queixava-se da sua relação com o filho de 9 anos, com o qual vinha tendo um comportamento muito irritado e impulsivo. Seu maior receio era que esse filho passasse a se sentir “um peso” ou “um estorvo” na sua vida. Ao construir a Imagem desse “peso” , colocou-se apoiando o filho, segurando o seu corpo totalmente inclinado para baixo, da cintura para cima. Ao pedir-lhe que se colocasse na posição do filho e fizesse o Solilóquio, a paciente não conseguiu mais falar, entrando em pranto profundo e saindo da Imagem para apoiar-se na parede. Em seguida, disse haver compreendido que na realidade, o filho não tinha nada a ver com “aquela situação” . Aquele que ela colocara na Imagem não era o filho e sim o ex-marido. Percebera isso ao assumir a postura em que o colocara.

O ex-marido dessa paciente sofre de alcoolismo. Durante cerca de um ano, realizamos várias dramatizações sobre o tema da sua relação com o marido, passando pelas diversas situações que passara junto ao “esposo” . Ela nunca chegava a uma compreensão da forma como o sentia na sua vida. Foi através dessa Imagem construída que a paciente pode admitir como sentia-se na relação com ele. E sem essa compreensão espontânea, provavelmente a sua relação com o filho de 9 anos continuaria prejudicada . Certamente ela não conseguiria identificar tão claramente quem era o verdadeiro estorvo da sua vida.

Finalizando, tem sido esse o nosso aprendizado como psicodramatista. Nem sempre realizamos no Cenário o teatro vivo idealizado por Moreno. Mas, sentimos que ao pedir uma Imagem para o paciente estamos diante de uma grande Cena, realizada em um só ato, também capaz de libertar e purificar nossos pacientes das suas dores. É esse o ato que mais chama a atenção do Protagonista, fixando o seu foco de tensão e indicando-nos a sua principal área de conflito. Bermúdez diz que “é aí que se produzem os sintomas”.

O estudo do Núcleo do Eu oferece –nos os subsídios necessários para uma melhor utilização da técnica aqui exposta.

**Escrito Psicodramático apresentado no
II Encontro Regional de Psicodrama –Norte/Nordeste,
realizado em Salvador-Bahia, de 02 a 03 de dezembro de 1994.
Reduzido para publicação no Jornal Em Cena – Febrap-Ano15-No.1/98**

Bibliografia : Rojas-Bermúdez,J.G. –Avances en Sicodrama,Cap.I, Editorial Celcius, Buenos Aires- Argentina , 1988.
